

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

A
tentativa
de
uma
pedagogia
desim**CAPS**uladora

Aline Britto Miranda

Porto Alegre, Dezembro de 2014.

ALINE BRITTO MIRANDA

A tentativa de uma pedagogia “desincapsuladora”

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para aprovação na graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Ms. Daniele Noal Gai

Banca Examinadora

Luciane Uberti DEC/UFRGS

Luciano Bedin da Costa DEBAS/UFRGS

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Dani, começo por ti, amada! Agradeço a nossa relação que se firmou em um encontro no ônibus e envios de escritas singulares cheias de nós. Tu és uma pessoa incrível, com certeza eu não poderia ter escolhido (des) orientadora mais parceira do que essa. Aprendi demais contigo, e te agradeço muito por todos os momentos em que estive ao meu lado nesta etapa difícil da vida. Muito obrigada por tudo, de coração! Te admiro muito lindona!

Grandes professoras: Luciane Uberti, Maria Clara Fischer, Laura Fonseca e Denise Comerlato, vocês são exemplos de luta e de força que levarei para sempre. Tenho muito orgulho de ter sido aluna de vocês nesta graduação, e sinto-me muito honrada de podê-las chamar de colegas.

Cle e Jaque, lindonas! O que seria da minha vida na Saúde Mental sem vocês? Agradeço por todos os momentos, todos os ensinamentos, toda a experiência que vocês me proporcionaram durante os períodos de estágio. A cada supervisão uma nova maneira de pensar na vida, na loucura, no cuidado... Admiro vocês demais! São para mim referências, grandes profissionais de saúde e, sobretudo, amigas que levo para a vida.

Adriano, obrigada por me ajudar durante tantos anos a organizar a minha vida e pelas transformações que conseguimos construir juntos neste tempo. Tu és um grande profissional! Um magnífico “organizador de pensamentos”.

Mãe e Pai: véia Coluti e Costelinha! Agradeço muito por vocês serem exatamente do jeitinho que são. Vocês me ensinaram muitas coisas, dentre elas o valor que tenho de mais caro: a simplicidade. Com vocês aprendi a valorizar as pequenas coisas da vida, e a batalhar pela transformação desta sociedade. Amo vocês de todo o coração! Muito obrigada por tudo, mas principalmente pela vida.

Vó e Vô: Dona Iracema e Seu Eny! Não tenho palavras para agradecer tudo o que vocês fizeram, e fazem, por mim durante toda a minha vida. Vocês são meu porto seguro,

de onde busco as minhas forças para seguir em frente sem esmorecer sempre. Amo muito vocês dois, meus véios.

Teteu, minha madrinha de coração: posso não dizer sempre, mas saiba que te amo sempre! Te agradeço por todas as conversas e conselhos, por todas as nossas trocas sobre a vida, a luta, a loucura e a família. Neste último período, no qual estivemos mais próximas, tu fostes fundamental para que eu pudesse organizar os meus pensamentos e a minha saúde. Muito obrigada por tudo, desde que nasci, “minha querida”.

Paulinha, prima, amiga, companheira de luta e irmã com laços de carinho. Sem palavras meu amor, “hasta la victoria siempre!”... π, meu bem, da mesma forma, muito obrigada por tudo!

Val e Patinha: manas que escolhi pra vida. Vocês são as melhores amigas que eu poderia ter, agradeço demais por estarem ao meu lado durante todos estes anos, desde o ensino fundamental. Muito obrigada por me compreenderem, e por entenderem os momentos que precisei estar longe. Amo vocês, demais demais demais!

Carol, preta... Tu fostes o presente que recebi nestes anos de faculdade. Me orgulho muito de poder conviver contigo, guerreira! Te admiro demais! Agradeço por todos os momentos... Sabes que tens uma amiga aqui para o resto da vida. Te amo muito amorinha!

Eliseu, querido, companheiro de inquietudes e detalhes. Muito obrigada pelo carinho, pelos tantos chimarrões e cafés. Agradeço por tu fazeres parte da minha vida, tornando ela mais leve, colorida e alegre. É muito bom poder te ter por perto!

Galera do DAFE: Andriws, Camila, Lucas, Débys, Cau, Jo, Maths, Lauras, Paulas, Taís, Mica, Júlia, Paulo, Paty e tantos outros... Vocês vão estar para sempre no meu coração! Todos estes anos de militância foram extremamente importantes para a minha formação enquanto professora, e agradeço demais por poder partilhar a luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade com vocês. Sinto-me muito grata por compartilharem comigo o desejo de uma transformação social, seguimos na luta sempre companheiros, até a vitória!

Amigos do MEPe deste Brasil a fora: muito obrigada pelas trocas em cada ENEPe e cada FoNEPe que vivenciamos. Só a luta muda a vida! Força sempre!

Agradeço muito a todos os meus amigos, que me ajudaram de uma forma ou de outra, presencial ou à distância com correções, leituras, artes gráficas e tudo o que pudesse contribuir para a beleza deste trabalho, vocês são demais! Muito obrigada!

- .
 - .
 - .
1. A todas as pessoas que foram minhas alunas, agradeço imensamente por esta formação inesquecível. Mais do que qualquer disciplina nesta universidade, vocês me ensinaram, e continuam me ensinando, a ser professora.
 2. A todos os meus professores, desde a educação básica, que me inspiraram a escolher esta profissão, e que servem como exemplo para seguir, ou não.
 3. A todas as pessoas que lutam por uma sociedade melhor, que reivindicam uma educação pública, gratuita e de qualidade; que acreditam em um Sistema Único de Saúde público e para todos.
 4. A toda a sociedade brasileira que possibilitou a minha formação.

Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho final de curso de Licenciatura em Pedagogia traz uma experiência em estágios não-obrigatórios, num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II Adulto, no município de Porto Alegre/RS. Assumo a cartografia e a fotografia como procedimento, como método. Esta escrita é apenas um recorte, de uma infinidade de experiências vividas em uma mesma experiência. Ela é uma tentativa de partilha da minha colheita, que não consegue separar saúde de educação, que não vê abismos - só misturas - entre estes mundos. É a tradução, em palavras, do meu encontro com a cartografia, da paixão na tentativa de criar novos mundos. Utilizo referenciais como: História da Loucura, de Michel Foucault; Documentos oficiais da Política Nacional de Atenção à Saúde Mental no SUS; Conceito de Cartografia, de Deleuze & Guattari; Conceito de Experiência, de Larrosa. Convido a pedagogia a pensar uma inserção em Saúde Mental Coletiva “Desincapsulada”.

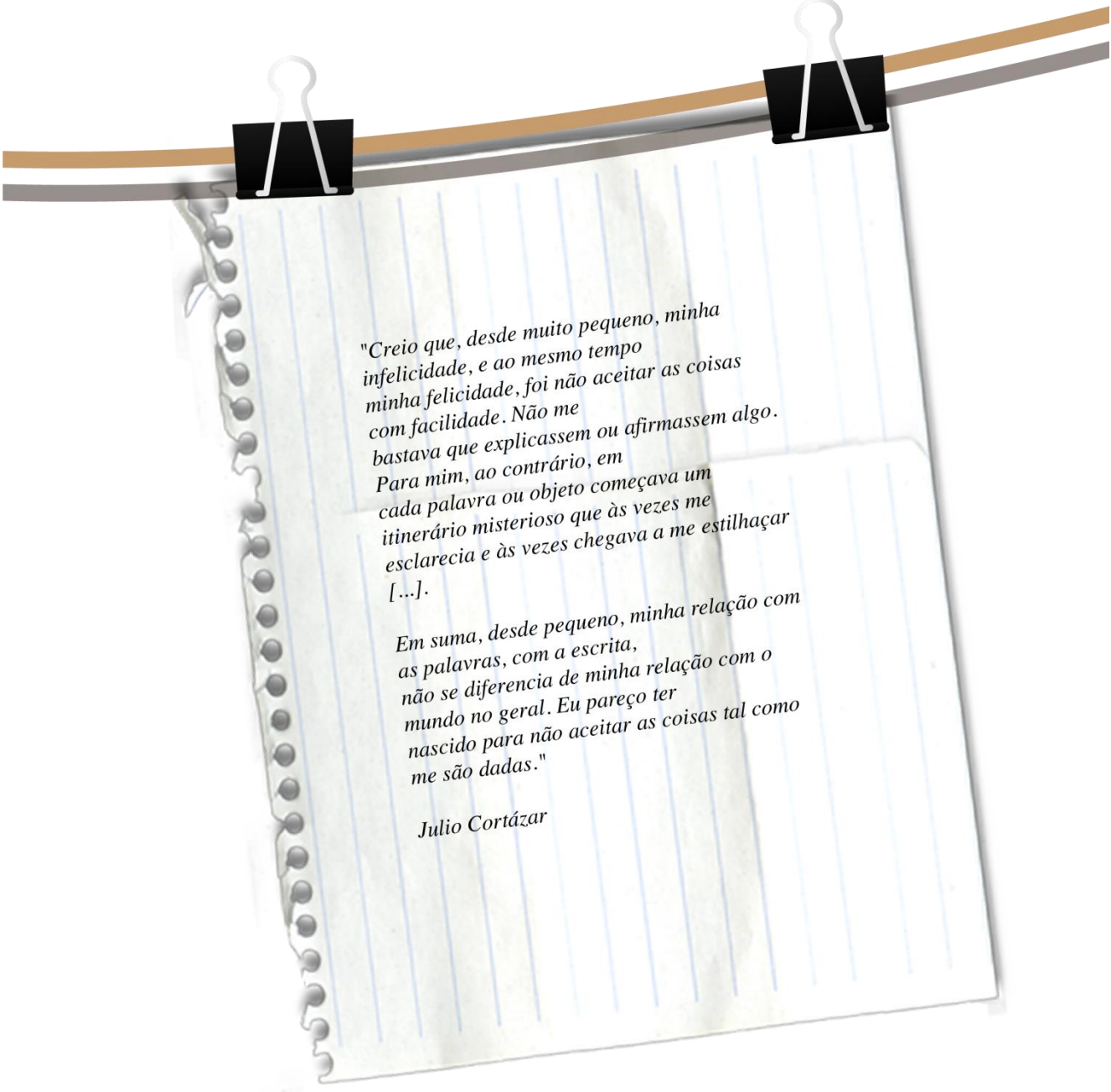
Palavras-chave: Cartografia, Experiência, Pedagogia, Saúde Mental.

EXPLICAÇÕES PARA LEITORES DE TEXTOS ACADEMICISTAS

Antes de tudo gostaria de explicar, a quem vai começar a ler, que este não é um trabalho com uma linguagem rebuscada, tampouco uma publicação distante da realidade; que não significa nada para essa autora. Também não é fragmento de uma pesquisa maior de qualquer orientador de qualquer bolsa de iniciação científica, muito menos uma escrita sem nenhuma responsabilidade com a sociedade. E por fim, não pretende ser algo que vá dizer com outras palavras algo que alguém já disse sobre um mesmo assunto - “chovendo no molhado” - só para fazer volume nas publicações sobre uma área destas que existem por aí. Não existe aqui aquela receita: coleta de dados brutos, análises, resultados obtidos e possíveis conclusões. Esta produção possui uma escrita simples, muitas vezes narrativa. Nela há muitas imagens, sem legenda, para serem “legendadas” pelo leitor. Poesias de gente famosa, de gente não tão famosa... Até algumas minhas, só não garanto uma métrica “quadradinha”. E sim, tudo isso pode. Saliento ainda, que este trabalho não é menos sério e importante por ser simples e coloquial. Ele faz parte da ação de criar novos mundos e novas perspectivas. Pode ser que tudo isso seja um pouco confuso demais, mas é assim mesmo. Penso que à medida que a leitura for sendo realizada, principalmente na explicação metodológica, tudo ficará mais claro (ou escuro).

SUMÁRIO

1 INQUIETAÇÕES INICIAIS	10
2 CARTOGRAFIA E FOTOGRAFIA.....	12
3 VI(VER) (A) LOU(CURA).....	16
4 A PEDAGOGIA NAS <i>CAPSULAS</i>	23
5 A TENTATIVA DE UMA PEDAGOGIA “DESINCAPSULADORA”.....	31
6 (¿) INQUIETAÇÕES FINAIS (?).....	53
REFERÊNCIAS	54



"Creio que, desde muito pequeno, minha infelicidade, e ao mesmo tempo minha felicidade, foi não aceitar as coisas com facilidade. Não me bastava que explicassem ou afirmassem algo. Para mim, ao contrário, em cada palavra ou objeto começava um itinerário misterioso que às vezes me esclarecia e às vezes chegava a me estilhaçar [...]."

Em suma, desde pequeno, minha relação com as palavras, com a escrita, não se diferencia de minha relação com o mundo no geral. Eu pareço ter nascido para não aceitar as coisas tal como me são dadas."

Julio Cortázar

1 INQUIETUDES INICIAIS

Durante toda a minha graduação no curso (generalista) de Pedagogia, desta universidade, sempre ouvi dizer - em grandiosos discursos de pessoas “importantes”- que nós, graduandos, estaríamos nos formando em um dos melhores cursos de Pedagogia do Brasil, quiçá o melhor. Ao refletir acerca de minha trajetória acadêmica, pergunto-me: se este aqui é um dos melhores, como será um dos piores (quiçá o pior)? Preocupo-me demasiadamente com a precarização da educação, que inicia desde a mais básica até a dita - superior.

Desta maneira, faço uso do espaço de escrita reflexivo-narrativa, neste Trabalho de “Conclusão” de Curso, para expor algumas arrazoados que fiz, a respeito da minha formação, depois de quatro anos e meio – já que não sou uma “a/luna” ideal, e sim real - de jornada. Sendo assim, gostaria de destacar apenas três aspectos, de minha formação acadêmica, que produzem as minhas inquietudes neste trabalho: as singularidades nos estágios não-obrigatórios e obrigatórios; a formação escolar em contraponto com “a negação da escola”; os ditos espaços não-escolares e a marginalização da Educação de Jovens e Adultos.

Os problemas “FACEDianos” são diversos, complexos e muitas vezes demoram longos anos para serem remexidos. Estes aspectos que me inquietam fazem parte deste mundo problemático e imóvel, desta faculdade. Vejo que o espaço para “o que não é obrigatório” precisa ser inventado, criado através de frestas. Não há terreno para as minorias, para as diferenças e marginalidades.

É preciso fazer da grade curricular utensílio de aplanar terrenos - depois de muito trabalho com arado e plantio das sementes - não podemos mais utilizá-la como forma de nos trancafiarmos, isolarmos, separarmos do mundo. Minha trajetória e percurso com esta grade-curricular não foi suficiente para enxergar as plantas crescendo, foi preciso muita luz e calor do sol, muita água ora da chuva, ora do regador - experiências singulares e transgressoras - para que deste roçado eu pudesse colher.

A colheita farta deve ser sempre partilhada, se não de que vale? Eu jamais a venderia! Então a reparto com quem quiser. Como cartógrafa, em um terreno - território - fértil, distribuo narrativas e fotografias - em uma cartografia - de uma das minhas experiências mais ensolaradas, em um dos meus estágios não obrigatórios, num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II Adulto, no município de Porto Alegre/RS.

O CORTE

escrever uma ruptura dilacera
o coração apertado
ansioso
provoca um nó bem no meio do pescoço

a força sufoca
movidada por pensamentos
de finitude
e expectativas

os ombros pesam toneladas
chumbos de responsabilidades e prazos

nas costas contraturas
sustentadas por grandes caroços
de normas técnicas

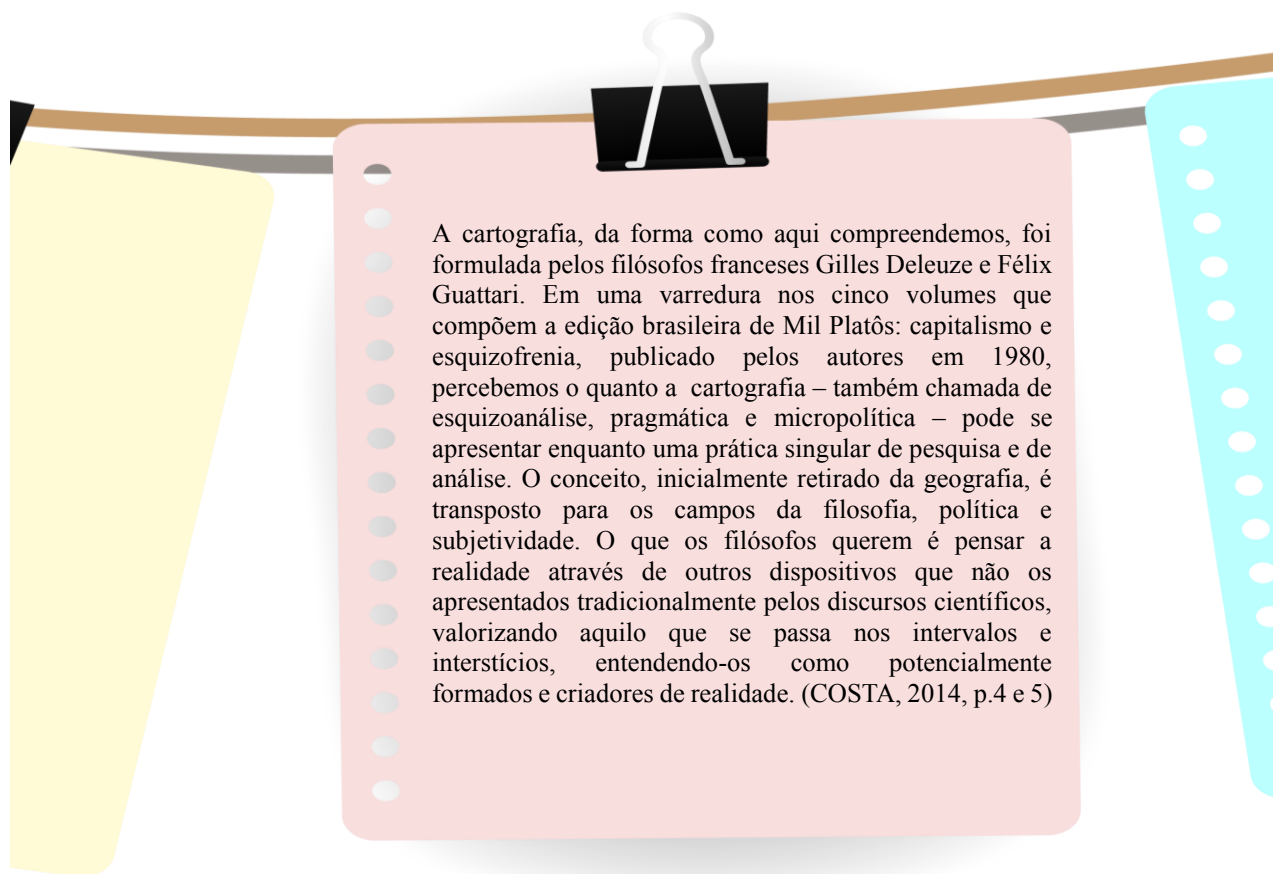
os olhos inchados transbordam
lágrimas pretas que pintam o rosto
a boca sussurra ao espelho
palavras desordenadas

escrever uma ruptura dilacera
descompassa, acelera

vem de madrugada, atrasada
forçada, cafeinada
trancada, solitária
fria.

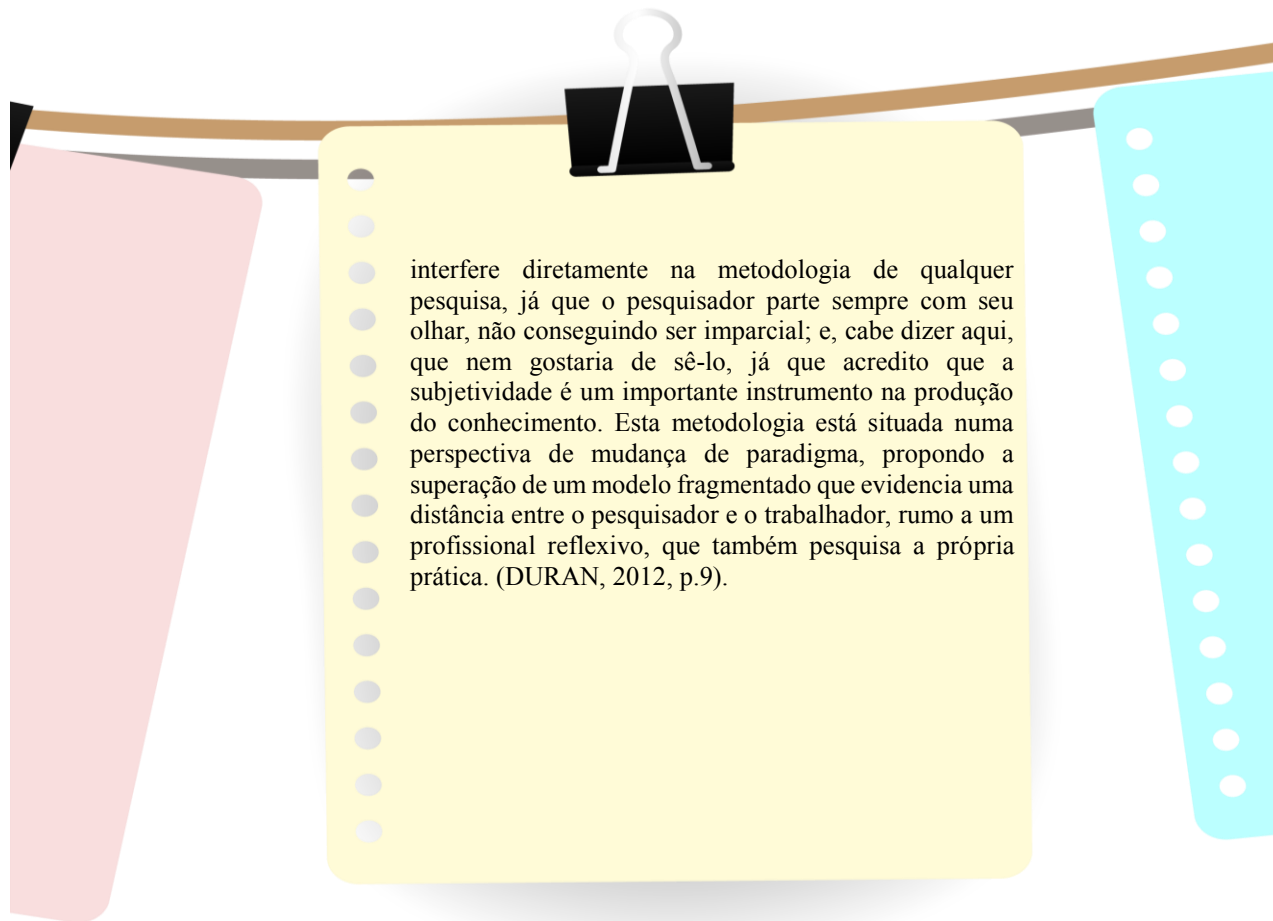
2 CARTOGRAFIA E FOTOGRAFIA

Assumo a cartografia e a fotografia como procedimento, como método. Metodológicos os percursos registrados em partes pequenas aqui. Metodológicos os encontros nos bairros com os usuários do CAPS. Metodológica a preparação de cada novo encontro na cidade. Uma aula requer metodologia, uma didática, um procedimento a ser desfeito ou mesmo a ser seguido parcialmente. Metodológica é a ideia inicial de trabalho, mas cartográfica é a ação, o decurso, as formas com que as coisas se apresentam e logo são registradas aqui para mostrar a quem lê. A cartografia que apresento traz coisas de memória, coisas de experiência, coisas de biografia. Vou falar aqui sobre narrativas também.



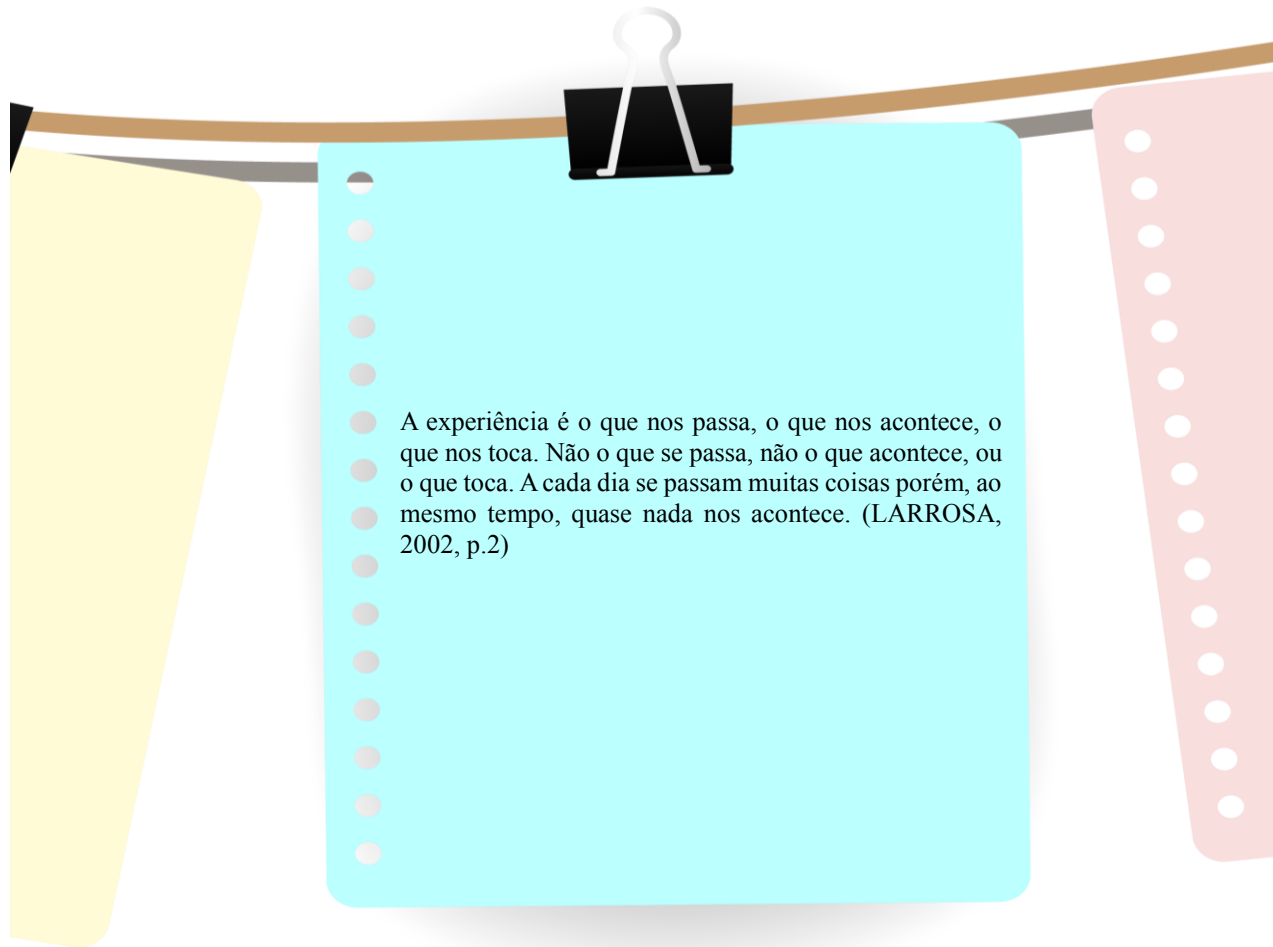
A cartografia, da forma como aqui compreendemos, foi formulada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em uma varredura nos cinco volumes que compõem a edição brasileira de Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, publicado pelos autores em 1980, percebemos o quanto a cartografia – também chamada de esquizoanálise, pragmática e micropolítica – pode se apresentar enquanto uma prática singular de pesquisa e de análise. O conceito, inicialmente retirado da geografia, é transposto para os campos da filosofia, política e subjetividade. O que os filósofos querem é pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formados e criadores de realidade. (COSTA, 2014, p.4 e 5)

A fotografia na cartografia não leva legenda, mas escritura, uma proposição para ver mais, para ver dentro, para detalhes, para ler sobre o que se viveu enquanto fotografava. Fez-se a escolha de fotografias, que se mostram aqui, em varais. Neste estudo, a escolha metodológica se deu também pela narrativa de experimentações/experienciações de uma estudante de pedagogia. Uma biografia?



Evidentemente, metodológica também é toda a experiência que tive no contato com práticas em pedagogia que não as formais, quais sejam: Estágios Não-Obrigatórios; atuação em Espaços Não Escolares; Educação de Jovens e Adultos e Serviços de Saúde Mental.

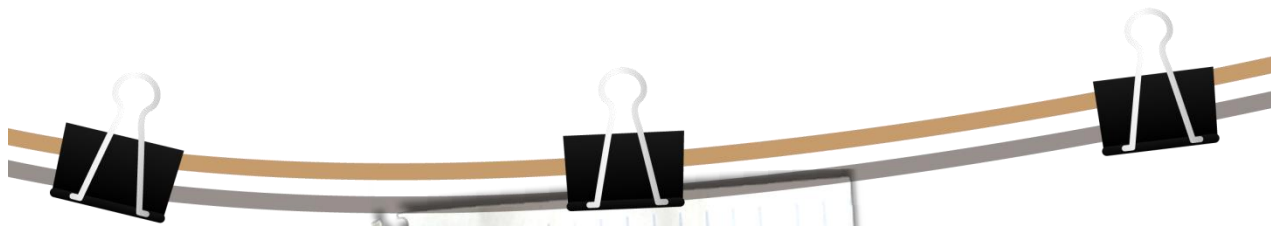
Os estágios em Licenciatura em Pedagogia acontecem nos diferentes períodos do curso, contudo, nem todas as experiências mexem com aprendizagens, com saberes de experiência, com aspectos do fazer pedagógico. Por vezes sair para espaços não previstos no currículo, potencialmente vivos, requer deixar algumas disciplinas obrigatórias acumularem, trabalhos por fazer, professores do curso sem entender a importância daquele estágio-experiência.



A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p.2)

O que, talvez, tenha servido como ponto de partida para minhas reflexões e investigações, o que me acontece, é esse último ponto importante para minha experiência em pedagogia, que foi a atuação em Saúde Mental.

Evidentemente, as experiências são vivências, acontecimentos, mas, sobretudo, invenção de novas formas. Inventei uma atuação em Saúde Mental em período intenso e intensivo de minha formação em Licenciatura em Pedagogia. Fiz-me de outro modo professora com as experimentações junto a usuários de CAPS Adulto. Experimentam a loucura, experimentei junto a eles algumas sensações que mobilizaram em mim vida, modificando-me verdadeiramente.



*“Gente que mantém
pássaros na gaiola
tem bom coração.
Os pássaros estão a salvo
de qualquer salvação.”*

Paulo Leminski

3 VI(VER) (A) LOU(CURA)

“O LOUCO MAIS LOUCO É O LOUCO QUE NÃO SABE QUE É LOUCO, E AO DEPARAR-SE COM O LOUCO QUE SABE QUE É LOUCO TORNA-SE CONSCIENTE DE SUA PRÓPRIA LOUCURA, A QUE CURA”

PLÁ*

*anotação na parede do 8º andar da Casa do Estudante da UFRGS.

Quando eu era criança, todos os domingos minha família se reunia na casa da minha avó para fazer churrasco, era como uma festa toda a semana. Em um destes domingos, estava calor, e eu comia na mesa das crianças quando ouvi os cachorros latindo alto, e rosnando. Minha avó, como era de costume, abriu a porta da casa e colocou parte do corpo para fora, para ver o que estava acontecendo - o porquê dos cachorros estarem “fazendo aquele escândalo” -, foi quando ela viu quem estava no portão, e disse: “ah, é o loquinho!”. O loquinho era um homem magro, corcunda, com aproximadamente 1,60m de altura, que carregava sacos enormes nas costas. Ele estava sempre com os pés descalços, sem camisa e com uma calça simples que ele ajustava acima do umbigo. Minha tia era enfermeira no Hospital São Pedro, e conhecia “o loquinho” do hospital. Ela dizia: “o loquinho fugiu de novo!”. Seguidamente “o loquinho” ia até o portão da casa a minha avó, e pedia: “café, comida! Café, comida!” E minha avó sempre dava a ele um copo de café com leite e uma banana. Naquele domingo, após a minha avó informar a todos quem estava no portão, meu tio sugeriu que deixassem que ele entrasse para comer um prato de comida. Eu não sabia que se tratava de uma brincadeira de mau gosto, e corri com muito medo para baixo da mesa, gritando que não queria que ele entrasse em casa. Eu sentia um medo terrível dele, lembro que eu o observava pela janela quando ele ia pedir alguma coisa na casa da minha avó; ele brigava muito com os cachorros, atirava pedras neles e depois quando ia embora, ele atravessava a avenida sem olhar para os lados, e sem perceber os carros que passavam.

Recortes da minha memória – Medo de louco

E lá vamos nós - como diria a bruxa, tentando voar em uma vassoura, em um dos episódios do desenho animado “Pica-Pau” de Walter Lantz - começarmos pelo começo, de que forma seria melhor se não trazendo a historicidade? Não sei fazer de outra forma! Circunscrevendo-me nesse percurso da pesquisa com a história da(s) loucura(s), na minha vida e na vida dos outros.

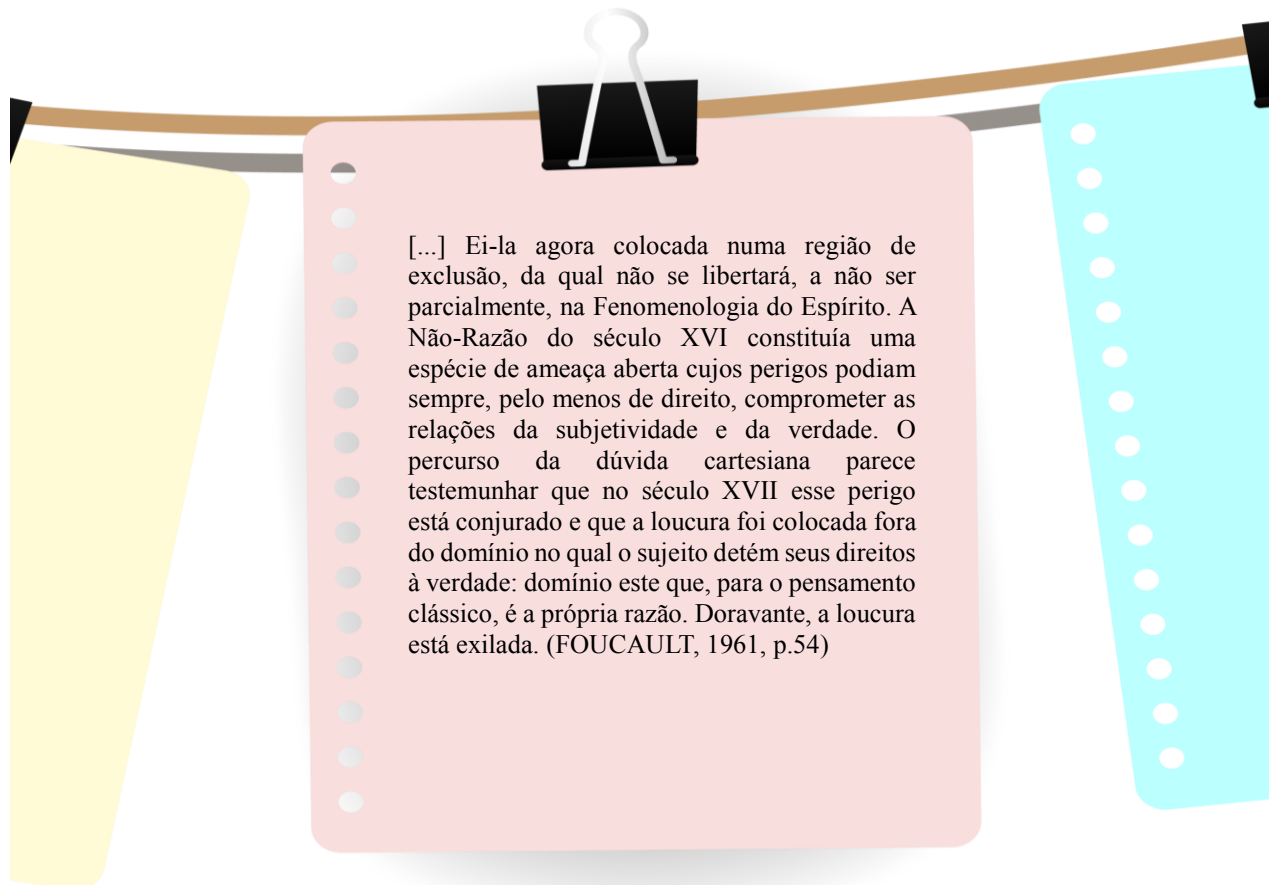
A vontade de entender: de onde é que vem o medo que a gente sente dos loucos? Isso inquieta-me de tal forma que fui procurar por alguém que compartilhasse dessa inquietude, uma pessoa - ou mais de uma - que me ajudasse a entender por que sentimos tanto desconforto em pensar na loucura. Como é magnífico quando encontramos um escrevente que conta-nos aquilo que estamos buscando. E foi assim o meu encontro com um senhor francês, que já é falecido desde a década de oitenta, e tinha uma vontade imensa - como a minha - de tentar pensar sobre “o porquê” de várias coisas nesse mundo.

Este senhor era um historiador de ideias, filósofo e grandessíssimo crítico social - entre outras coisas - chamado Michel Foucault, ele escreveu um livro cujo título é *Histoire de la folie à l'âge classique*. História da Loucura, como foi traduzido no Brasil, foi publicado em 1961 e foi sua primeira grande obra - segundo críticos literários. Neste livro encontrei-me com os medos de muitas outras pessoas, e pude compreender um pouco mais como foi que surgiu, em nossa sociedade ocidental, esse sentimento, o amedrontado diante do louco.



Foto de Luiz Alfredo – Local: hospital psiquiátrico Colônia, em Barbacena/MG

Foucault - como costumamos chamá-lo, pelo sobrenome - conta em seu livro como surgiram os Hospitais Psiquiátricos/Hospícios/Manicômios, partindo da segregação dos leprosos, na era medieval, seguindo com a demonização das doenças venéreas, até a Renascença: período no qual a loucura começou a ser institucionalizada. É importante ressaltar, que toda a diferença e estranheza foi - e ainda é - trancafiada, escondida, isolada, segregada, na nossa história ocidental, contada como quem abre arquivos, por aquele autor-senhor.



[...] Ei-la agora colocada numa região de exclusão, da qual não se libertará, a não ser parcialmente, na Fenomenologia do Espírito. A Não-Razão do século XVI constituía uma espécie de ameaça aberta cujos perigos podiam sempre, pelo menos de direito, comprometer as relações da subjetividade e da verdade. O percurso da dúvida cartesiana parece testemunhar que no século XVII esse perigo está conjurado e que a loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à verdade: domínio este que, para o pensamento clássico, é a própria razão. Doravante, a loucura está exilada. (FOUCAULT, 1961, p.54)

Aí está a incapacidade de conviver com o louco, com o estranho, com o que me desloca, com o que a diferença experimenta, em qualquer âmbito.

E a capacidade de criar padrões e normas para viver em sociedade; por essas incapacidades e capacidades, o medo vai sendo construído e alimentado.

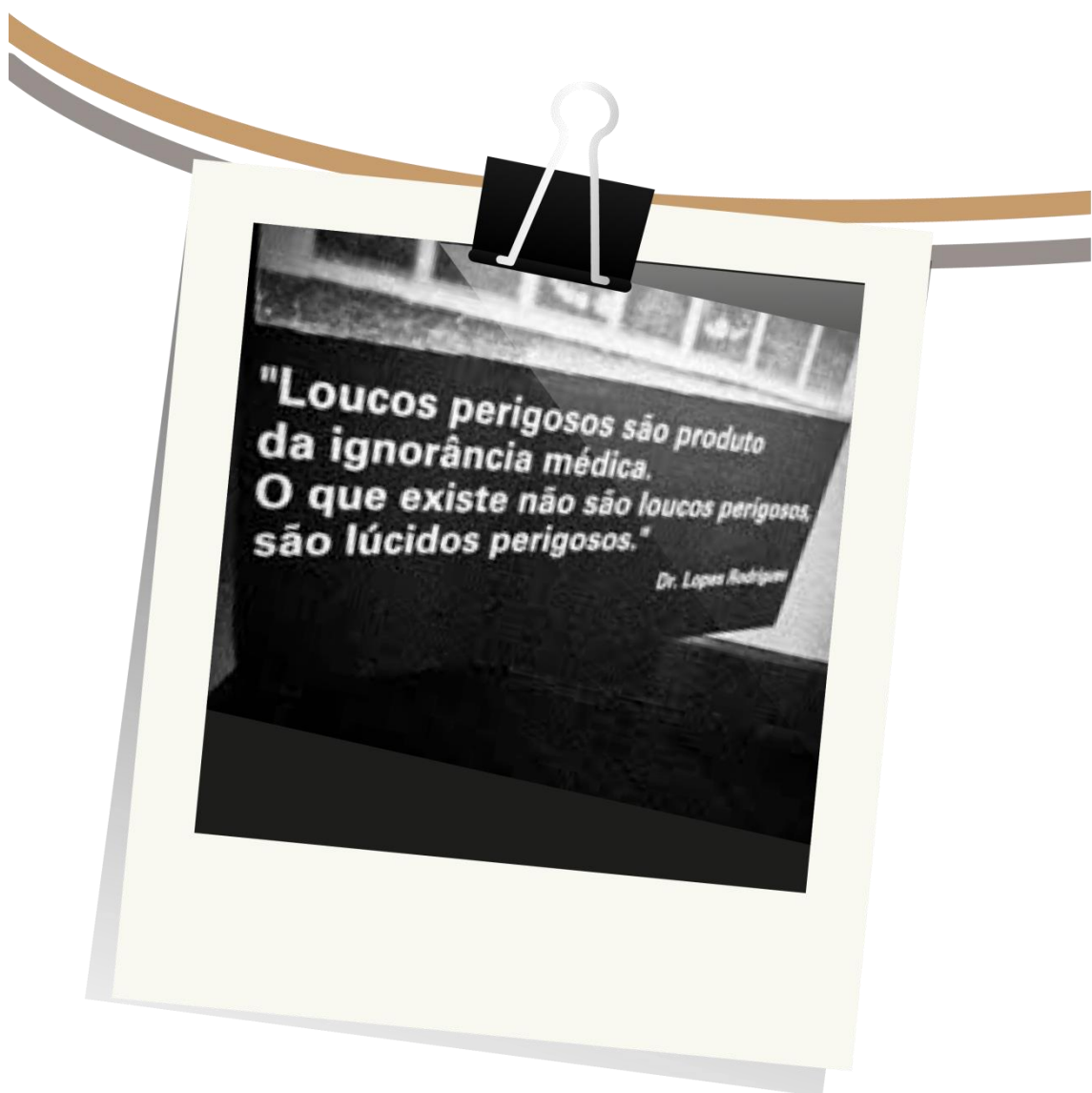
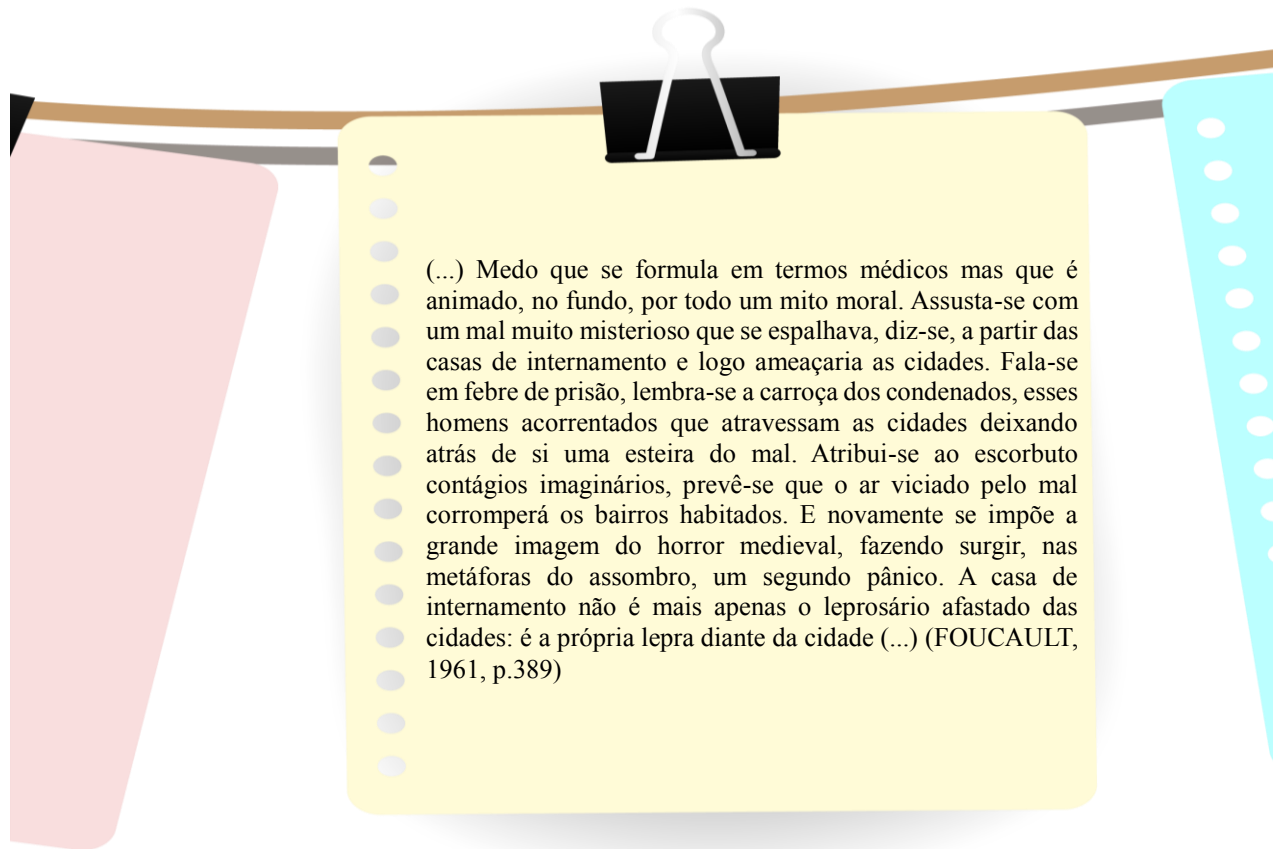


Foto de Luiz Alfredo – Local: Museu da Loucura em Barbacena/MG



(...) Medo que se formula em termos médicos mas que é animado, no fundo, por todo um mito moral. Assusta-se com um mal muito misterioso que se espalhava, diz-se, a partir das casas de internamento e logo ameaçaria as cidades. Fala-se em febre de prisão, lembra-se a carroça dos condenados, esses homens acorrentados que atravessam as cidades deixando atrás de si uma esteira do mal. Atribui-se ao escorbuto contágios imaginários, prevê-se que o ar viciado pelo mal corromperá os bairros habitados. E novamente se impõe a grande imagem do horror medieval, fazendo surgir, nas metáforas do assombro, um segundo pânico. A casa de internamento não é mais apenas o leprosário afastado das cidades: é a própria lepra diante da cidade (...) (FOUCAULT, 1961, p.389)

Pensamos: loucos pelados, trancados, tarados, sem controle, agressivos, maus, feios; aqueles que usam camisas de força, que levaram choque elétrico; carecas de lobotomia; que precisam ser dopados de remédio.

Essa memória é para contar do início difícil na minha aproximação com serviços de atenção à Saúde Mental, para mostrar que estou impregnada com os juízos da sociedade ocidental contemporânea.

Nossos pensamentos não são naturais, há uma valsa naturalização ou normalização da vida. Nossos pensamentos são construídos socialmente, têm historicidade, têm marcas profundas, produzem marcas em nós.

Sinto dor e fico triste, mas gosto de contar essa história, porque a partir dela é possível mostrar a sua lenta desconstrução: em mim e na sociedade.

A COMPANHEIRA

na cama de casal
ela e eu

do lado direito ela
grande, espalhada
da cabeceira aos pés

do lado esquerdo eu
encolhida
em um pequeno espaço
com a coberta desarrumada
só para mim

já que ela não precisa de coberta
tampouco travesseiro
ela só precisa de mim
da minha coragem
para enfrentá-la

ela: mochila, polígrafo, calça jeans,
sutiã, cinto, toalha,
fone de ouvido, marca texto, bolsa peruana ...

eu: BAGUNÇA!

nunca estou só
ela sempre me acompanha
fazendo parte desta fase
desse caos

ela me organiza
desorganizando
ela atrapalha,
ajuda e cuida

neste turbilhão
ela é o meu sinal

4 A PEDAGOGIA NAS CAPSULAS

No ano de 2011, no segundo semestre, cursei a disciplina EDU 03054 - Ação Pedagógica com Jovens e Adultos; nesta disciplina foi solicitado que realizássemos uma observação em um espaço não-escolar, de práticas educativas com jovens e adultos. Escolhi como espaço educativo um CAPS Adulto, no Município de Porto Alegre, no qual, dois anos depois, vim a trabalhar como estagiária. Na ocasião, lembro de ter observado uma Oficina Terapêutica de Futebol, meus olhos curiosos tentavam acompanhar um grupo de adultos com transtornos mentais severos, um estagiário de Educação Física e um professor residente também da mesma área.

Para uma aluna de graduação que apenas havia tido experiências educativas com crianças em ambiente escolar, foi no mínimo estranho aquele momento.

[...] Ao chegar ao CAPS, fui abordada por alguns usuários, curiosos em saber o que eu estava fazendo ali, se era alguma estudante de Psicologia. relatei a eles que estava fazendo uma observação naquele dia, que estudava Pedagogia. Alguns ficaram pensativos e comentaram: “Ah! Que cuida de criancinhas, né?” Eu não quis me estender muito e respondi que tanto de criança, quanto jovem e adulto. Os usuários, os profissionais e eu, saímos do ambiente hospitalar e caminhamos em direção ao uma quadra de esportes na Rua “X”, próxima [...] Durante a caminhada eles conversavam livremente, eram em torno de dez usuários (homens, por coincidência). Um senhor conversou comigo por algum tempo, me perguntou coisas pessoais como: onde moro, com o que trabalho. Também cantou uma música que tem o título com o meu nome [...]. (Trecho de meu Relatório de Observação – Novembro de 2011)

Chegando ao destino fiquei do lado de fora da quadra, sentada, quase imóvel. Perplexa pensando em como tudo aquilo era diferente do que eu já havia vivido. Pessoas loucas andando pela rua? E livres? Conversavam comigo, queriam saber da minha vida, cantavam músicas com o meu nome? Ao mesmo tempo em que eu sentia muito medo, minha curiosidade ia às alturas.


Esta foi uma observação desafiadora, na qual deixei de lado preconceitos com relação à doenças mentais e me inteirei de uma nova realidade (completamente diferente da que estamos habituados no meio acadêmico). Saliento a importância de pedagogos neste espaço, para poder reintegrar estes usuários com sucesso a nossa sociedade. Possibilitando a eles novas ações pedagógicas, de uma forma completa e ainda mais transdisciplinar. (Idem – Novembro de 2011)

Mas você pode estar se perguntando por que os loucos estavam livres? Como eles

podem fazer uma Oficina em uma quadra esportiva, na rua? O que será esse tal de CAPS que ela tanto fala? Respondo: - Felizmente as “coisas” em nossa sociedade estão em transformação!

No capítulo anterior falei do medo que todos sentimos das diferenças, e do trancafiamento da loucura. Agora quero falar do lado humano dos seres humanos, embora de forma muito tardia, a loucura não é para ser institucionalizada, está na lei!

No Brasil a partir da nova Constituição Federal de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) deu-se a Reforma Psiquiátrica, um processo “fundado, ao final dos anos 70, na crise do modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico, por um lado, e na eclosão, por outro, dos esforços dos movimentos sociais pelos direitos dos pacientes psiquiátricos” (BRASIL, 2005, p. 6) que transformou a maneira de pensar e agir a Saúde Mental no país (DURAN, 2012).



a maneira de pensar a saúde mental passou a ter como principais objetivos a ampliação e a qualificação do cuidado às pessoas com transtornos mentais, onde o modelo hospitalocêntrico foi sendo deixado de lado, para o hospital se tornar complementar (e não central) no tratamento dos pacientes. (BRASIL, 2009). A partir daí surgiram outros dispositivos para o tratamento em saúde mental no país. Com isso foram surgindo serviços substitutivos aos hospitais. (DURAN, 2012, p.5)

Os CAPS são um destes serviços que tem a função de substituir os hospitais psiquiátricos, eles fazem parte de uma Rede de Atenção à Saúde Mental,

um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor da vida. (BRASIL, 2004, p.13)

Tendo explicado o que é esse tal de CAPS conceitualmente, trataremos agora de vivê-lo juntos, certo? Junto disso começaremos a pensar nesta “libertação” dos loucos. Estagiei durante o ano de 2013 – e recentemente voltei a estagiar, em agosto de 2014 – no mesmo CAPS em que eu havia feito a observação para aquela disciplina, lá em 2011,

ao iniciar o meu estágio logo minhas supervisoras disseram: - “Pensamos em uma oficina “para ti”! É uma oficina antiga no CAPS, que estamos retomando. Por agora temos alguns lugares agendados, que os usuários se interessam em ir e temos que “gastar” os ônibus. Depois queremos que tu pense na parte pedagógica desta oficina”. E que diabos era a parte pedagógica que elas se referiam? O que queriam elas me dizer com aquilo? Eu não sabia ao certo, porque para mim tudo era pedagógico. E acho que elas também não sabiam. Fui tentando inventar o meu lugar naquele espaço, e comecei pelo mais medíocre, a estrutura de um planejamento engessado escolar. Os passeios tinham o formato de uma saída de campo escolar, eram pesados e “sérios”. Os usuários faziam uma boa avaliação daquilo tudo. É claro... Por que no fundo eu estava sendo como uma professora tradicional em um espaço não-escolar. Apesar das avaliações positivas, eu me incomodava com as minhas oficinas, sentia que de fato elas eram só minhas, ainda que tivesse supervisão. Não havia protagonismo deles, nem de longe o objetivo maior de promover autonomia era alcançado. Rememorando, percebo que foi uma inquietude necessária para entender aquelas pessoas, aquele lugar. Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo ali! Foi então que em uma das minhas terças-feiras de planejamento, estudo, evoluções, li a “Cartilha do CAPS”. Entendi na teoria como deveria funcionar a Rede, e “plim!” Como se uma lâmpada incandescente aparecesse sob a minha cabeça acesa. Pensei eu: Se este CAPS está fora do território destas pessoas, por que não inseri-lo? Eu tinha ali uma potente ferramenta, a Oficina de Passeio. Imaginei como os usuários poderiam protagonizar ao máximo os seus

processos de reinserção social e nos dar acesso às suas realidades. Fazendo eles mesmos o movimento de inserir o CAPS em seus territórios. [Recortes da minha memória de Estágio não-escolar]

- Pronto, até agora tudo “explicadinho” e de repente:
- Usuários?
- Oficina?
- “Cartilha do CAPS”?
- Territórios?
- Já vamos entendê-los!

Quando falamos de usuários compartilhamos de “uma lógica que co-responsabiliza os sujeitos, é o termo utilizado para aqueles que utilizam os serviços de saúde em detrimento do termo “paciente” que traz uma ideia de passividade, sem ter responsabilidades e saberes quanto ao próprio tratamento” (DURAN, 2012, p.5). Um dos objetivos centrais do CAPS é “promover a inserção social dos usuários através de ações intersetoriais que envolvam educação, trabalho, esporte, cultura e lazer, montando estratégias conjuntas de enfrentamento dos problemas” (BRASIL, 2004, p. 13).

Neste sentido, pensamos na saúde - um conceito amplo - como promoção de vida, sensações, experiências cotidianas. Para o enfrentamento das problemáticas e reinserção social é necessária “uma nova clínica, produtora de autonomia, que convida o usuário à responsabilização e ao protagonismo em toda a trajetória do seu tratamento”¹.

Dentro dessas instituições, que fazem parte da Rede de Atenção a Saúde mental,

as oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecido nos CAPS. Os CAPS têm, freqüentemente, mais de um tipo de oficina terapêutica. Essas oficinas são atividades realizadas em grupo com a presença e orientação de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários. Elas realizam vários tipos de atividades que podem ser definidas através do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço, das necessidades, tendo em vista a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas, o exercício coletivo da cidadania. (BRASIL, 2004, p.20)

Conceitualmente entendemos por território:

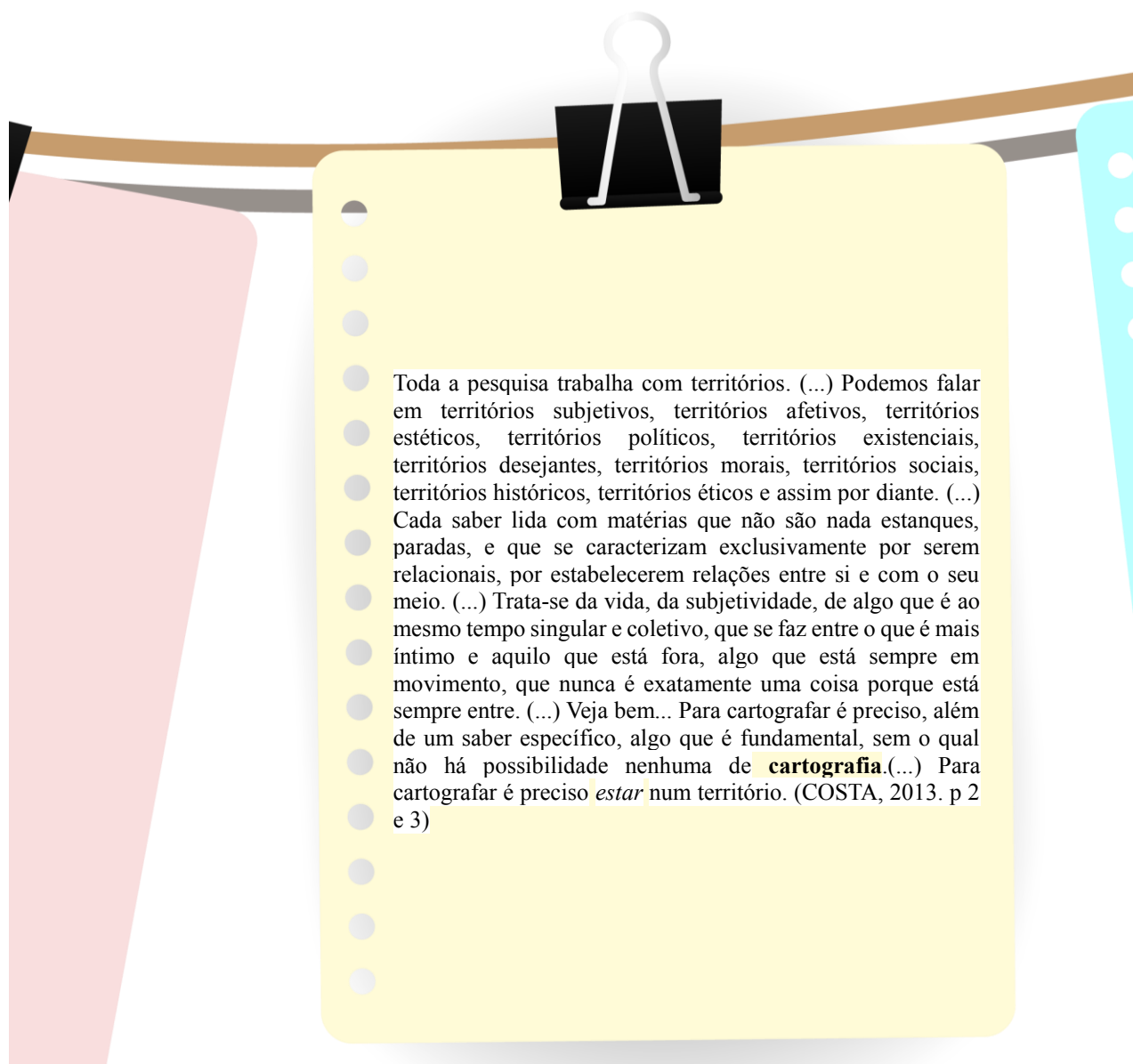
¹ Disponível no Portal da Saúde – Ministério da Saúde:
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=29797&janela=1 Acessado em 21.11.2014

espaço vivo, geograficamente delimitado e ocupado por uma população específica, contextualizada em razão de identidades comuns, sejam elas culturais, sociais ou outras, possibilitando a organização dos processos de trabalho e das práticas de saúde de acordo com suas especificidades e também elegendo prioridades na definição das ações de saúde. (BRASIL, 2006)

Todos os CAPS precisam fazer parte da realidade da população que é atendida, para isso estas instituições precisam ser

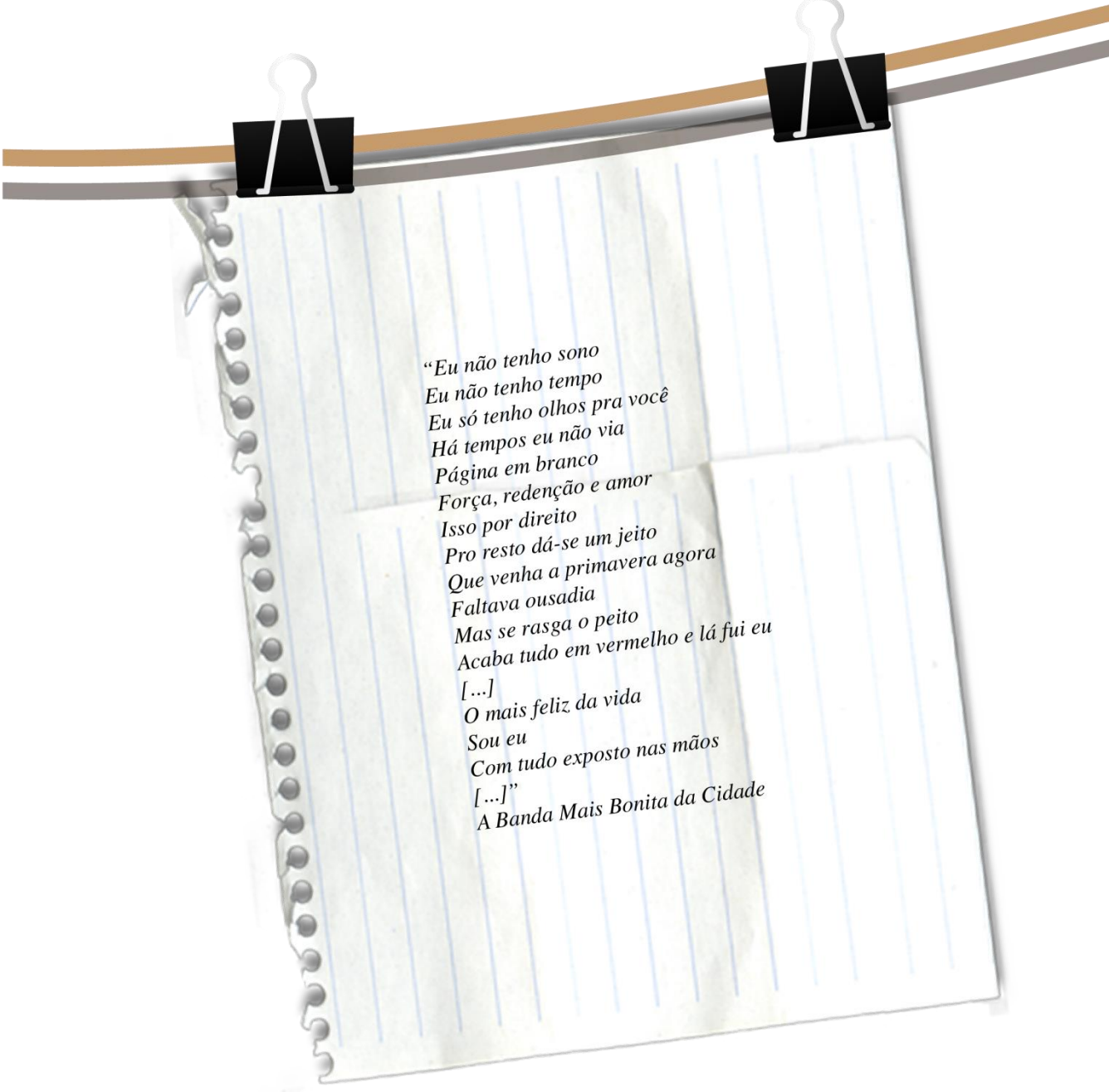
territorializados, ou seja, devem estar localizados no espaço de convívio social (família, escola, trabalho, igreja etc.) daqueles usuários que os frequentam. Devem ir atrás das potencialidades existentes nos recursos comunitários à sua volta, pois são esses recursos que devem ser incluídos também nos cuidados em saúde mental. A (re) inserção social pode se dar a partir dos CAPS, porém será sempre em direção à comunidade (BRASIL, 2004, p. 78).

Para realizar esta cartografia, voltei ao meu desejo de encontrar territórios. Não aos territórios físicos que falei anteriormente, mas do meu terreno de inquietudes. Voltei a estagiar neste CAPS, para escrever em serviço, para continuar a me implicar e remexer com as coisas deste lugar.



Toda a pesquisa trabalha com territórios. (...) Podemos falar em territórios subjetivos, territórios afetivos, territórios estéticos, territórios políticos, territórios existenciais, territórios desejantes, territórios morais, territórios sociais, territórios históricos, territórios éticos e assim por diante. (...) Cada saber lida com matérias que não são nada estanques, paradas, e que se caracterizam exclusivamente por serem relacionais, por estabelecerem relações entre si e com o seu meio. (...) Trata-se da vida, da subjetividade, de algo que é ao mesmo tempo singular e coletivo, que se faz entre o que é mais íntimo e aquilo que está fora, algo que está sempre em movimento, que nunca é exatamente uma coisa porque está sempre entre. (...) Veja bem... Para cartografar é preciso, além de um saber específico, algo que é fundamental, sem o qual não há possibilidade nenhuma de **cartografia**. (...) Para cartografar é preciso *estar* num território. (COSTA, 2013. p 2 e 3)

Enquanto conto e reconto, estou imersa, construo assim subjetividade, suja e impregnada das experiências com as pessoas deste CAPS.



*“Eu não tenho sono
Eu não tenho tempo
Eu só tenho olhos pra você
Há tempos eu não via
Página em branco
Força, redenção e amor
Isso por direito
Pro resto dá-se um jeito
Que venha a primavera agora
Faltava ousadia
Mas se rasga o peito
Acaba tudo em vermelho e lá fui eu
[...]
O mais feliz da vida
Sou eu
Com tudo exposto nas mãos
[...]”
A Banda Mais Bonita da Cidade*

5 A TENTATIVA DE UMA PEDAGOGIA “DESINCAPSULADORA”



Acervo pessoal: Oficina de Passeio – CAPS 2013

Era quarta-feira, final da tarde, quando encerrávamos, em uma pequena roda de conversa no pátio do CAPS, mais um dia da nossa Oficina de Passeio. Eu dizia aos usuários que na próxima semana seria feriado, propus então a eles um desafio: Não ficar em casa no sofá assistindo TV! Sair ao menos uma hora neste dia. Depois compartilharíamos as experiências. Neste momento um dos usuários, agitado, me interpelou: - Me desculpe doutorinha, mas eu não vou fazer isso! É o único dia que tenho para descansar... Esse usuário tinha sua rotina bem marcada, em sua agenda tinha espaço para o cinema, Casa de Cultura Mario Quintana e coral. Me marcou, foi a exceção a regra. Foi um tapa de realidade na minha cara... Como quem diz: “Quem é você? Pensa que me conhece?”[...]“Doutorinha”, ele me chamava, idéia introjetada hospitalocêntrica – confusão entre os profissionais de saúde, enquadrando todos como médicos.

Recorte da minha memória - Doutorinha

Para qualquer alteração na estrutura da Oficina de Passeio era necessária muita reflexão em conjunto, para construirmos coletivamente um jeito novo, inventarmos uma possibilidade para que nossas saídas não fossem apenas turísticas.

Propusemos - equipe de profissionais - um planejamento:

Planejamento 15/05 - Oficina de Passeio

Equipe: Aline, ~~Arthur~~

Horário: 14h às 16h.

Objetivo geral

Relembrar os locais já visitados em 2013, durante a oficina, para refletir acerca do sentido de realizar saídas de campo.

Rotina

1. Exibição do vídeo
2. Breve retomada do feriado do dia 1º de maio.
3. Divisão dos Grupos de Trabalho (GT's)
4. Discussão e sistematização nos GT's
5. Socialização
6. Avaliação

Descrição

Antes do início das atividades é importante que equipe e usuários façam uma breve apresentação e que seja comunicado aos usuários a rotina que iremos propor.

Exibição do vídeo

Neste momento todos (usuários e equipe) estarão juntos na sala 015, para assistir a exibição do vídeo que contém as fotos dos passeios. Posterior a exibição é interessante que se faça uma breve conversa sobre o que foi assistido, podendo-se aprofundar nos GT's a discussão, se for demanda dos usuários.

Recursos: sala, data show e cadeiras.

Breve retomada do feriado do dia 1º de maio

Seguindo da idéia de uma conversa breve, é importante lembrar que fizemos uma combinação com os usuários de que eles deveriam passear neste dia do feriado, se alguém quiser relatar o que fez deve-se abrir o espaço para isso.

Divisão dos Grupos de Trabalho (GT's)




Neste momento vamos explicar aos usuários o que vamos fazer em cada GT, como será a apresentação e como será feita a divisão dos grupos. Ou seja: iremos nos dividir em grupos, e debater dentro de cada grupo duas perguntas que estará no envelope, para depois apresentar em forma de cartaz ao grande grupo.

Aline, [REDACTED] e [REDACTED] ficarão responsáveis, cada um por um GT. [REDACTED] e [REDACTED] ficarão de apoio, circulando entre os grupos e auxiliando em possíveis dificuldades.

Cada GT terá um envelope colorido, com o nome dos integrantes e com duas perguntas complementares, além disso, terão papeis grandes e materiais escreventes coloridos para produzir um cartaz para a apresentação final.


Cada responsável pelo GT da equipe irá chamar os usuários contidos dentro do envelope, e se deslocará para outra sala.

Nos envelopes os grupos estarão divididos da seguinte forma:

GT1: Aline	GT2: Aline	GT3: Aline
		

Além dos nomes conterão nos envelopes as perguntas:

- 1 - Por que sair do CAPS?
- 2 - Qual o objetivo do passeio?



Recursos: 3 salas (contando com a 015), 3 envelopes previamente confeccionados (contendo componentes do GT e questões), 3 papeis grandes para cartaz, 3 folhas A4 para possível sistematização, 3 canetas esferográficas, canetas hidrocores, lápis de cor, giz de cera.

Acervo pessoal: Oficina de Passeio – CAPS 2013

Discussão e sistematização nos GT's

Dentro das diferentes salas, cada grupo deverá eleger um mediador da discussão e no mínimo um apresentador da produção do grupo. Inicialmente os usuários deverão discutir as questões livremente, e depois direcionar para a sistematização.

É importante que a equipe se coloque sempre no papel de mediar as discussões, mas de uma maneira que não interfira no processo criativo de cada usuário. O membro da equipe deverá auxiliar o próprio mediador escolhido pelo grupo, de modo que as discussões não fiquem muito superficiais.

A proposta do cartaz é livre, pode ser feito tanto com escrita quanto com desenho, o que importa é que exista uma representação do que foi discutido.

Quem ficar responsável por apresentar a síntese do GT ao grande grupo deverá estar ciente de que deve planejar a sua fala, podendo até ensaiá-la.

Socialização

Todos deverão encontrar-se no pátio externo do CAPS, para fazer a socialização das sínteses. Cada GT irá apresentar o seu cartaz, e falar brevemente de como foi a discussão em torno das questões.

Avaliação

Este é o momento de avaliar coletivamente a oficina.

Acervo pessoal: Oficina de Passeio – CAPS 2013

O vídeo exibido foi uma provocação inicial, nele havia um compilado de fotos com todos os nossos passeios turísticos pela cidade. Ao final do trabalho nos GT's as falas iam no sentido de que as saídas possuíam muito significado, fazia com que eles se sentissem bem, com que conseguissem enxergar o mundo fora de suas casas, e fora do CAPS. Disseram-nos que eles conseguiam esquecer um pouco dos problemas, não sentiam-se tão ansiosos, que era importante estar vendo a vida.

Depois dessa nossa avaliação coletiva, coloquei muita energia na minha ideia, inserir aquele CAPS no território dos usuários, conhecê-los e torná-los protagonistas da busca pela sua autonomia e reinserção social. Nós realizamos mais três encontros densos e de muito trabalho, dentro do CAPS, para mudança estrutural da nossa oficina. Discutimos metodologias, repensamos tudo. E chagamos juntos, equipe e usuários, a uma formatação, que poderia ser alterada em qualquer momento, reconhecendo a necessidade disso coletivamente.

Teríamos duas saídas e dois encontros no CAPS ao mês, intercalando os formatos. Estas saídas seriam para os bairros onde cada um morava, o passeio seria guiado principalmente por um usuário, responsável por mostrar os detalhes do que lhe era mais familiar naquela região da cidade. Eles precisavam pensar em espaços de lazer, em o que os divertia próximo a casa deles, ou até mesmo em suas próprias casas.

Como nós só tínhamos um encontro por semana, houve alguns percalços no planejamento coletivo, nem tudo são flores em uma invenção. Trabalhei com o desafio de lidar com memória dos usuários, da falta de estrutura cognitiva muitas vezes para conseguir guiar o ônibus, fretado de viagem, que nos transportava. Também desafiadores os dias de chuva e frio, a mobilidade comprometida de alguns, o fato de não podermos ir aos locais no transporte público coletivo... Isso também me inquietava, mas são limites daquele espaço, daquelas pessoas, daquela instituição.

Neste percurso compartilhei ideias não só com os usuários, mas também com outros estagiários de Educação Física e Terapia Ocupacional, Professores e Terapeutas, Técnicos de Enfermagem, Residentes Multiprofissionais de Saúde Mental (mais diretamente, no que diz respeito a aquela oficina), e como isso foi desafiador. Não estamos acostumados a compartilhar saberes - pasmem!

Agora um parêntese grandinho, de desabafo sobre isso... Já retomo a narrativa da Oficina... Tá? Nós pedagogos somos unidocentes, quase sempre. Fazemos o(s) nosso(s) planejamento(s), para a(s) nossa(s) turma(s), na nossa sala. No nosso quadrado. Muitas vezes, na Escola nos dizem as professoras mais antigas: “Cuida da tua aula que eu cuido da minha”! Formamos-nos egocêntricos, cheios de nós mesmos, achando que temos “o rei na barriga” - como diz a minha avó. Isso tudo é herança de um tempo em que não se podia conversar, nem pensar, em que as trocas eram proibidas, que tiraram a nossa força nos separando... Porque na sociedade - capitalista - na qual vivemos hoje, impera o individualismo. Nós pedagogos fazemos parte disso, nunca esqueçamos!

Há um avanço no que se refere às equipes que atuam na saúde, reconhece-se nos espaços de educação permanente em Saúde Mental, e em Residências as Equipes Multiprofissionais (o que não significa necessariamente trocas entre estes profissionais). Existem, atualmente, equipes que comportam profissionais de Enfermagem, Educação Física, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional. Pouquíssimas são os espaços que oportunizam vagas para Pedagogia, e os que ofertam não nos fornecem certificação da Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde. Suspeito que isso tenha relação com a concepção de saúde que as pessoas importantes possuem, que cria e recria abismos, entre os campos da saúde e da educação.

Voltando a nossa história... Em que parte eu estava mesmo? Ah sim... Claro... Era sobre os desafios, e o compartilhamento de ideias com pessoas maravilhosas. Com a ajuda de um técnico-administrativo queridíssimo do CAPS, busquei no sistema o endereço de todos os usuários que participavam da oficina. A partir destes endereços tive de traçar um mapa no meu planejamento, no qual mais de um usuário fosse contemplado em cada saída.

Iniciamos com o bairro do CAPS, vendo ambientes de lazer próximos, e entendendo um pouco mais sobre aquele espaço. Depois os encontros foram pelos bairros dos usuários: Restinga, Rubem Berta, Protásio, Lomba do Pinheiro, Floresta, Mont Serrat, Passo D’Areia, Nonoai, Aparício, Partenon e até grande Porto Alegre, em Alvorada. Encontrávamo-nos no CAPS, tomávamos o ônibus, e íamos ao nosso destino.

Estabeleci com os usuários uma ordem de visita aos bairros, e cada um sabia antecipadamente o dia em que iríamos visitar o seu bairro. Nesta visita a pessoa seria

responsável por guiar o grupo, e mostra alguma coisa divertida que a interessasse, uma possibilidade de lazer.

O objetivo desta oficina, além das inserções nos territórios e o reconhecimento das múltiplas realidades, era sobretudo “desincapsular”. O que isto significa para mim?

Mesmo que os usuários dos serviços substitutivos não estejam mais vinculados aos hospitais psiquiátricos (manicômios), instituições estas que “vitimaram as pessoas com sofrimento mental, culminando com variados tipos de violência e desumanização” (*apud* TALEIKIS, 2009, p. 7), muitas vezes se encontram institucionalizados, de outra forma, no interior dos CAPS e de outros serviços substitutivos, não buscando autonomia em suas vidas, limitando-se a participação em oficinas terapêuticas, voltando para suas casas esperando o outro dia para voltar, deixando sua vida limitada a essa rotina de dependência. (DURAN, 2012, p. 5 e 6)

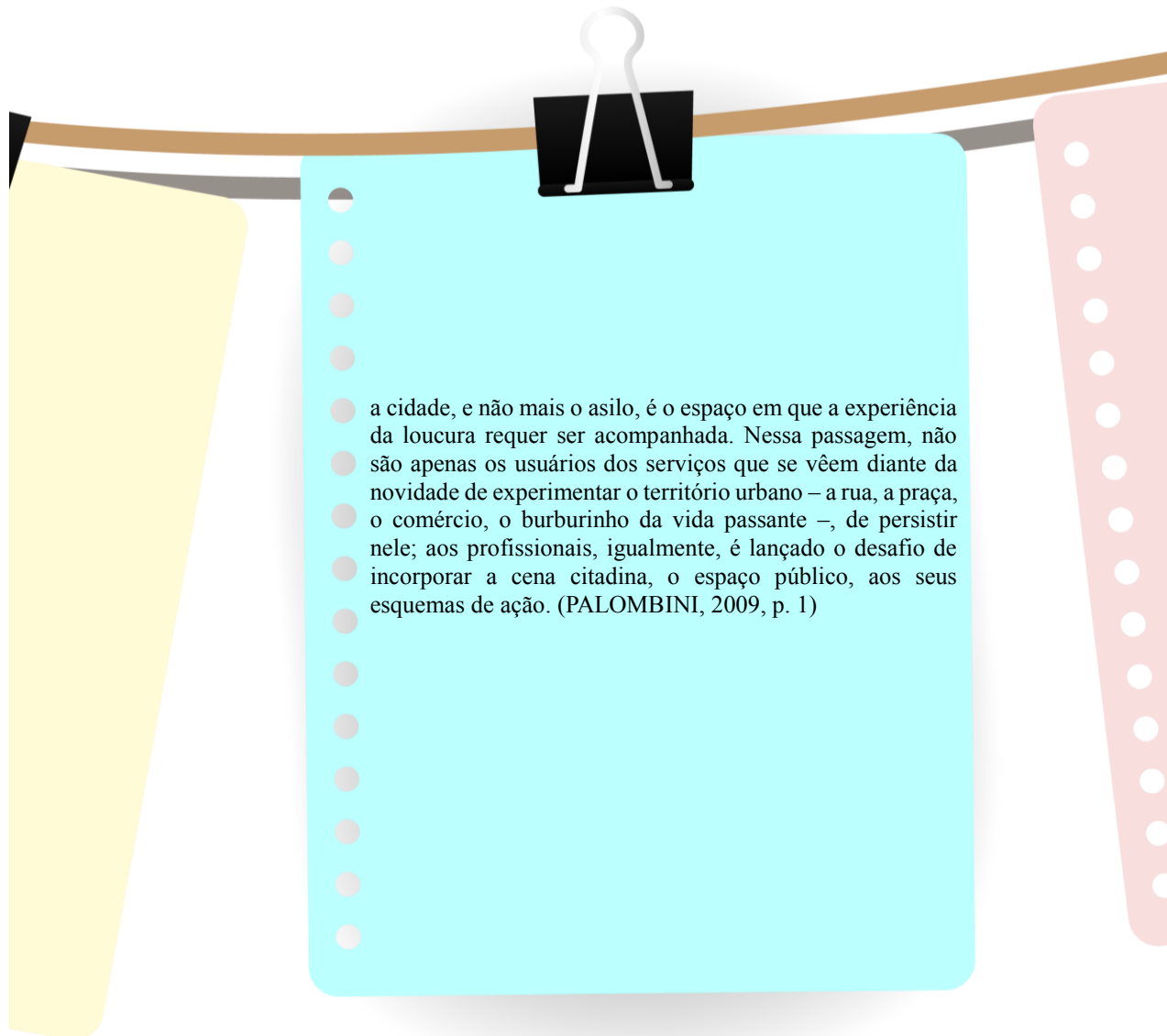
Eu queria muito que os usuários pudessem enxergar próximo de onde moram, lugares seus. Lugares nos quais eles se sentissem pertencentes e acolhidos. Para que estabelecessem relações com pessoas, além de suas próprias famílias e equipe do CAPS. Conversávamos muito, e uma das coisas que eles me diziam era que tinham muito desejo de fazer amigos, de estar na companhia de pessoas.

Depois que eles receberam seus diagnósticos, as pessoas se afastaram deles.

- Você lembra do medo do louco que eu falava antes?

- Pois é, ele está vivo... E não é só meu como eu já havia dito, ele é compartilhado.

Como profissional de saúde enxergo que:



● a cidade, e não mais o asilo, é o espaço em que a experiência da loucura requer ser acompanhada. Nessa passagem, não são apenas os usuários dos serviços que se vêem diante da novidade de experimentar o território urbano – a rua, a praça, o comércio, o burburinho da vida passante –, de persistir nele; aos profissionais, igualmente, é lançado o desafio de incorporar a cena cidadina, o espaço público, aos seus esquemas de ação. (PALOMBINI, 2009, p. 1)

Talvez a minha história esteja um pouco perdida nos seus pensamentos (ou não), e acho que agora é o momento de compartilhar ao menos um momento - ainda que eu quisesse compartilhar todos e mais um pouco - para exemplificar do que estou falando.

- O que acha?

- Vamos lá!

Como eu havia dito antes, nossa oficina era intercalada com encontros nos bairros e encontros no CAPS. Vou contar a história da nossa visita ao bairro da Renatinha e do Seu Edmundo (nomes fictícios). Fomos ao bairro Rubem Berta, na zona norte de Porto Alegre.

Neste bairro havia uma praça, na qual Renatinha e Seu Edmundo, sem saber, caminhavam aos finais de semana, e quando podiam, para pensar em outras coisas que não em suas ansiedades. Os dois, sem combinar, planejaram levar o grupo até este local.









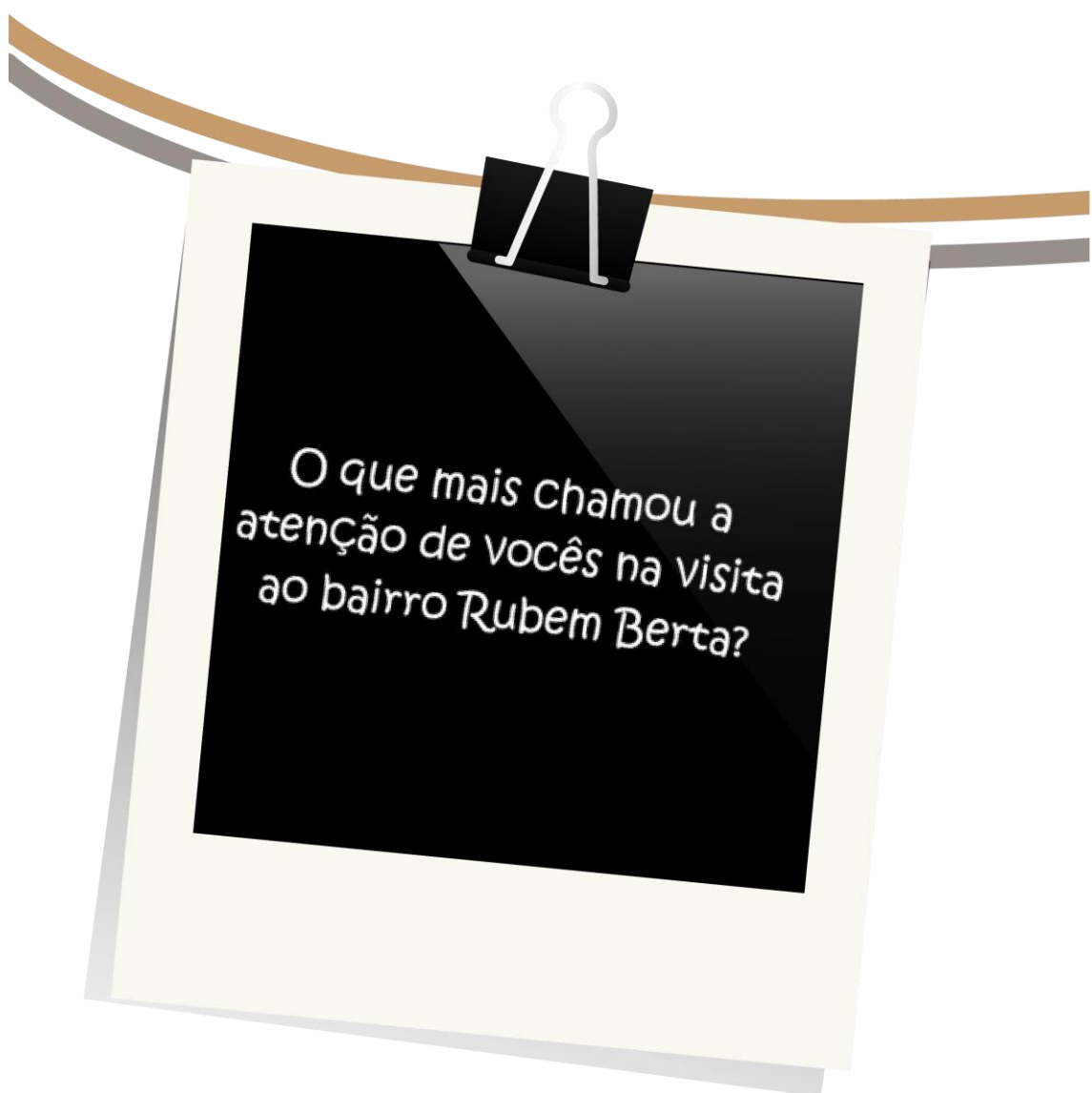


Praça México









O que mais chamou a
atenção de vocês na visita
ao bairro Rubem Berta?

Nós permanecemos durante uma tarde naquela praça, caminhando, falando da vida, causando estranhamento aos que passavam e viam o nosso ônibus de viagem amarelo estacionado. Pensamos juntos em possibilidades do que fazer naquela praça, quem frequentava aquele espaço, onde mais há praças na cidade. Trocamos muito, nos divertimos juntos, e fora dos muros do CAPS.

Na semana seguinte, retomei a nossa saída com o auxílio das fotos, e fizemos uma discussão coletiva sobre aquela nossa experiência na cidade. Propus ao grupo um desafio: representar a realidade vivida, seus sentimentos e desejos na forma de maquete. Claro, eles toparam! Para a minha felicidade.

Nos dividimos em três grupos, e:

- “Bora” trabalhar!?



As construções foram cheias de detalhes lindos, de afeto e carinhos. Iniciaram com um desenho do que iriam produzir na maquete, negociando e planejando coletivamente. Depois produziram as maquetes e apresentaram para o grupo.



Acervo pessoal: Oficina de Passeio – CAPS 2013



Acervo pessoal: Oficina de Passeio – CAPS 2013

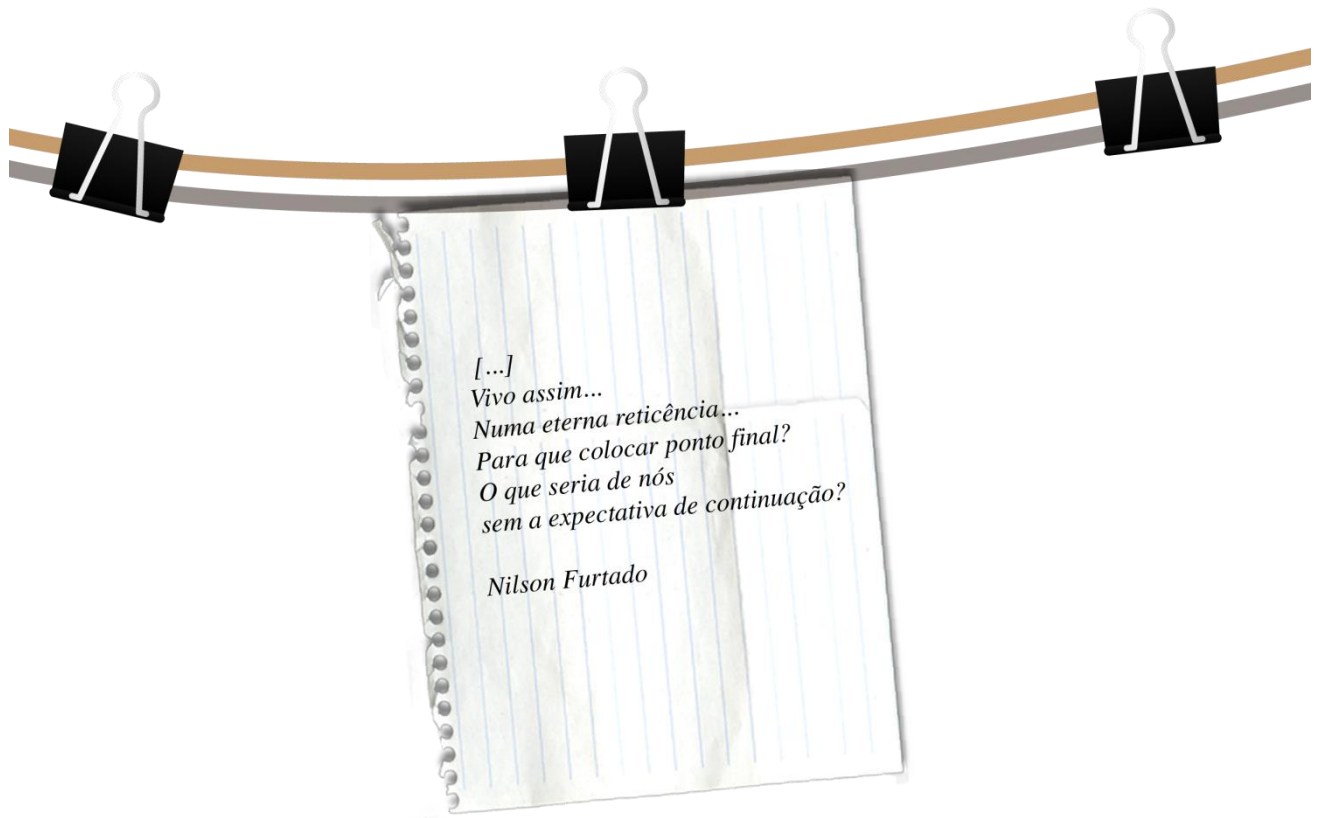
Um fato marcante, para mim, deste dia foi uma senhora, Dona Neiva (nome fictício) que representou uma pedreira na maquete. Não havia a pedreira na praça, entretanto, no caminho do CAPS em direção ao bairro, ela visualizou a pedreira. Disse ela que quando ainda era casada e vivia com seu filho, fazia piquenique com a família no alto daquele morro. Aquilo era algo muito significativo para ela.



Acervo pessoal: Oficina de Passeio – CAPS 2013

Eu poderia colocar aqui muitos outros registros, outras memórias, experimentações com os usuários. Mas não tenho espaço, nem tempo. O que é possível hoje é dizer que estes encontros transformaram a minha vida, e a vida dos usuários. Muitas vezes eles não quiseram levar o grupo em um local do bairro, mas em suas casas. Acabaram criando laços de amizade entre eles, se fortalecendo, se reconhecendo. Sentindo que não estão sós no mundo, no bairro, na cidade, nas praças, na amizade.

Claro que o meu objetivo de vinculá-los a outros espaços perto de suas casas não foi alcançado por completo, em todo o trabalho há limitações. Nós acabamos criando outros objetivos juntos, acabamos nos conhecendo, trocando muito. Com eles perdi o medo do louco, do que se diz da diferença. Aprendi a amar ainda mais o trabalho com gente, com quaisquer um, com todos. E isso tudo me basta, isso tudo vai além de qualquer expectativa. Esta foi sem dúvida uma das experiências mais ensolaradas de toda a minha vida, e fico muito feliz em poder partilhá-la com você.



6 (:) INQUIETAÇÕES FINAIS (?)

- Você deve estar se perguntando (ou não):

- Para que este varal?

- Decoração?

- A autora achou que ficaria esteticamente bonito (com permissão para a perda da modéstia)?

- Respondo-lhes: Também!

Este varal significa para mim o território no qual estive mergulhada para poder cartografar. O movimento do vento, que pode arrancar o que está preso pelos pregadores, ou a ação do sol que nos permite recolher o que já está seco, ou ainda o cair da chuva que faz com que tenhamos que sair correndo ao grito, que avisa:

- “Olha a chuva! Tem alguma coisa pendurada no varal?”

Significa o desterritorializar-se, a desterritorialização², a criação do caos que produz ciclos, que nos faz agir a partir dele, sempre. Em um varal é possível sempre pendurar e recolher, às vezes, muitas vezes, uma mesma coisa.

Esta escrita é apenas um recorte, de uma infinidade de experiências vividas em uma mesma experiência. Ela é uma tentativa de partilha da minha colheita, que não consegue separar saúde de educação, que não vê abismos - só misturas - entre estes mundos. É a tradução, em palavras, do meu encontro com a cartografia, da paixão na tentativa de criar novos mundos. Neste trabalho não há conclusões, só dúvidas, incertezas, movimento. Só ação!

Gostaria muito que as pessoas importantes, fazedoras de políticas promotoras de mudanças, pudessem enxergar, pelo menos um pouquinho, das misturas entre educação e saúde. Que nós pedagogos pudséssemos ter atuação garantida nos serviços de saúde, para integrarmos equipes, trocando com tantos profissionais de diferentes áreas. Nós também precisamos sair de nossas cápsulas, e para isso temos de ter espaço!

² Ler mais em DELEUZE & GUATTARI, “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, 1995.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde/DAPE. **Saúde Mental no SUS: acesso ao tratamento e mudança do modelo de atenção**. Relatório de Gestão 2003-2006. Ministério da Saúde: Brasília, janeiro de 2007, 85p.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 65-76 - mai./ago 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DURAN, Felipe Corseuil. **Um olhar sobre o processo de (re)inserção de usuários dos CAPS em atividades extra CAPS**. Trabalho de Conclusão de Residência. Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística N° 19Jan/Fev/Mar/Abr, São Paulo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. Editora Perspectiva S.A., São Paulo, 1978.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Entrevista**. Publicada no jornal do Conselho Regional de Psicologia RJ, jornal 23, 2009.